

## A promessa pelo copo de cerveja.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

*Obs. Esta história não é, de maneira alguma, alusão à bebida alcoólica.*

Havia pelo menos dois anos que Antenor sentia dores na mão esquerda e vários tratamentos com remédios não aliviavam o incômodo. Perdeu a conta de quantos anti-inflamatórios diferentes tomou. Na última consulta, o médico passou-lhe “um sabão”:

— Não é aconselhável que o senhor faça uso destas medicações constantemente, sabia? Pode ter problemas com os medicamentos para o controle da sua pressão arterial. É preciso averiguar com um especialista o que de fato está causando este problema.

O bancário saiu decepcionado do consultório. Já não sabia mais onde procurar ajuda. As dores o perseguiram 24 horas por dia, a semana inteira, 365 dias por ano.

Consultou vários especialistas. Recebeu até indicação de impulsos elétricos nos nervos e o organismo não respondia. Periodicamente, fazia inúmeros exames de sangue para verificar a possibilidade de reumatismo, mas não indicavam tal doença. Muito pelo contrário, a saúde de Antenor estava ótima. Além da dor, somente o controle de pressão. Raio-X, densitometria óssea, ressonância magnética e tomografia entraram na lista de exames. Era uma luta para o plano de saúde autorizá-los. Nenhum deles mostrava qualquer sinal de problema reumatoide ou a presença de algum tipo de tumor. Por três meses, fez várias sessões de fisioterapia por semana, sem resultado animador. O alívio era apenas momentâneo.

As dores persistiam. Um médico homeopata aconselhou acupuntura, não adiantou. Também fez um tratamento à base de plantas medicinais. Por alguns meses, o incômodo foi aliviado. Ao fim do tratamento, a dor voltou.

Procurou um psiquiatra. Talvez o problema pudesse estar ligado à pressão psicológica no trabalho. O médico indicou um antidepressivo que deu efeito rebote e a dor piorou! Em conversa com o profissional, que suspendeu a medicação, recebeu indicação de um psicólogo.

Compareceu a algumas sessões, até de regressão de memória ele fez.

— Nada! Eu não consigo entender de onde vem estas dores, Antenor! Vejo que você é uma pessoa tranquila; está sempre bem com você mesmo; aparentemente não tem problema depressivo.

— Não tenho mesmo, Jorge. Levo a vida “numa boa”. Largo todos os problemas do trabalho dentro da agência bancária. Meu único incômodo é esta maldita dor na mão que está me enchendo o saco. Eu sou festeiro, sabe? Gosto de uma cervejinha com a família. A gente sempre se reúne no sítio que eu tenho.

— Posso fazer uma pergunta? — Disse o psicólogo. — Já procurou um centro espírita?

— Sou católico fervoroso! — Respondeu, fazendo o "Nome do Pai". Não acredito nestas coisas. Eu fiz uma promessa de doar a minha pick-up a uma instituição de caridade se esta dor um dia sumir da minha mão.

— Está falando sério? Vou querer este carro, hein?

— Você não é uma ONG, meu caro Jorge.

— Bem, voltando ao centro espírita! Se não acredita, não vai resolver.

Antenor ia seguindo a vida. Mesmo com dores, passou a fingir que elas não existiam. Quando incomodava bastante no trabalho, passou a dar um tempo no computador. Ele largava o caixa, dava uma volta pelo refeitório. Ficava quieto num canto, fazendo uma pequena meditação e, alguns minutos depois, retornava ao serviço.

O ano estava terminando, quando um sobrinho de Antenor, Cassiano, estava se despedindo da família para um intercâmbio na Indonésia. O rapaz, que era estudante de medicina, fez-lhe um pedido:

— Tio, bem que você poderia emprestar o sítio para eu me despedir da família toda.

— Quando?

— Não vou te dar trabalho. Sexta, sábado e domingo da próxima semana, certo? Cada um leva a carne e a bebida e, no “final das contas”, todo mundo ajuda a limpar a bagunça na noite de domingo.

— Tudo bem, mas eu não vou não. Nestes dias, a mão tem incomodado bastante.

— Ah, tio. Vai pelo menos um pouco. Há quantos anos esta dor te acompanha e você parece que nem liga?

— Eu que sei, Cassiano. Eu que sei! Prometo que vou pensar no assunto. O sítio é "seu" na próxima semana, beleza?

O sobrinho deu um longo abraço no tio.

Tudo combinado para a despedida do estudante de medicina. Antenor não queria mesmo ir ao encontro, porque a dor estava lhe chateando bastante.

Na sexta à noite, depois do trabalho, mudou de ideia:

“Dor por dor, vou encher a cara de cerveja e churrasco. Cansei”.

Ao chegar ao sítio, a alegria foi total, afinal Antenor era muito querido pela família. O local estava lotado. Eram ao menos umas 60 pessoas. Esta junta a Família Buscapé que adorava uma bagunça!

A piscina nunca havia ficado tão cheia. Cassiano, para se livrar do serviço da churrasqueira, contratou uma empresa que trabalharia os três dias. Os cinco trabalhadores dormiriam na casa do caseiro do sítio. A família queria apenas sombra, piscina, churrasco e bebida fresca.

No sábado à noite, Antenor percebeu realmente o quanto o sítio estava cheio de gente. Eram 5 quartos com camas de casal e beliches para 6 a 7 pessoas. Parecia mesmo uma casa de vó. Na sala, era colchão espalhado até debaixo da mesa e um sobrinho se ajeitou com a namorada sobre o granito. O bancário pensou:

“Até na mesa? Só mesmo no meu quarto, para ter sossego.”

Abriu a porta do recinto com um copo de cerveja na mão, porém não acendeu a luz. Tropeçou no primeiro corpo que estava esparramado ao pé da cama e foi ao chão em cima de Cassiano. A fim de proteger o copo de cerveja e o sobrinho dos cacos de vidros, apertou o recipiente com toda a força que tinha, mesmo sentindo muita dor. Com a queda, a mão doente que segurava o copo virou. Antenor deu um grito, levantando-se rapidamente, mas acordou todos no quarto:

— Maldito copo de cerveja!

— O que foi tio, disse Cassiano, quase lambendo a cerveja no chão.

— Mas vocês precisavam vir justamente para o meu quarto? — Disse aos berros. — Com o calor que faz lá fora, dava para todo mundo dormir na varanda.

— Você machucou a mão doente?

— Ué! A mão parou de doer.

— O quê, tio?

— Sim. Deu uma fígada grande aqui na palma da mão e a dor simplesmente sumiu!

— Não entendi!

— Ah, meu Santo Afonso Maria de Ligório. Se esta dor for embora mesmo, o carro é do Asilo “Pai dos Pobres”.

— Tio, você bebeu?

- Mas é claro que bebi.
- Aquela pick-up maravilhosa?
- E daí? Compro outra depois. Eu tenho a moto para trabalhar.
- Faz isso não, tio, pelo amor de Deus. Cê tá tonto!
- Cala a boca, rapaz! O que você tem com isso? Vai viajar para o intercâmbio, certo? O carro é meu, e daí?

...

Um ano depois, na portaria do Asilo Pai dos Pobres, Antenor conversava com o diretor da instituição:

- Clemente, sabe que eu sentia uma dor muito forte na mão e... Lembrei! É isso!
  - O quê, Antenor?
  - Lembrei que a minha dor foi uma virada de mau jeito, quando estava manobrando o carro numa pequena rua sem saída, perto da minha casa. Uma carreta me atrapalhou na esquina. Ao movimentar o volante, a mão virou bruscamente e esta dor maldita me atacou por mais de dois anos. Nada tirava esse problema. Eu pensei até que fosse câncer nos ossos. Mas eu fiz uma promessa a Santo Afonso Maria de Ligório. Minha avó, Maria, era devota deste santo italiano. Eu ouvia as histórias que ela contava dele e me tornei um devoto também. Ainda na adolescência, ele se tornou advogado. Mais tarde, dedicou a vida às pessoas pobres.
  - E como a dor foi embora?
  - Eu estava meio tonto, com um copo de cerveja na mão. Entrei no meu quarto sem acender a luz. Nem imaginava que o quarto tinha tanta gente. Umas 10 pessoas, pode acreditar. Tropecei no meu sobrinho e, para não quebrar o copo e machucar o Cassiano, dei um jeito de segurá-lo mais forte. Na queda, a minha mão virou para dentro e senti uma fisgada bem forte! Há um ano que a dor sumiu, evaporou depois daquele tombo. Por isso estou aqui, cumprindo a minha promessa ao Santo Afonso Maria de Ligório.
  - E qual a sua promessa?
  - A partir de hoje, esta pick-up é do Asilo.
  - Não diga! Minha Nossa Senhora! Então, bendito copo de cerveja!
  - Sim! Bendito! O veículo é de vocês. O carro? Compro outro depois. Eu queria muito ficar livre desta maldita dor que tanto me fez sofrer esses anos.
  - Não sabemos como te agradecer, Antenor.
  - Não há motivo. É um prazer grande para mim. Vocês precisam mais do que eu. Tenho uma moto em casa. Os documentos estão neste envelope. Na segunda-feira, voltarei aqui para resolvermos a papelada no Detran.
  - Ela custa uns 150 mil? Em nome de todos os idosos aqui, agradeço eternamente.
  - O meu “presente” foi o copo de cerveja, Clemente. Não, não! Foi a dor se mandar, isso sim! O copo de cerveja que fez o serviço bem feito! Pelo sim ou pelo não, estou livre.
- O bancário recebeu um abraço caloroso do diretor da ONG e foi embora feliz da vida, certo de fazer uma boa ação a uma instituição que tanto ajudou seu querido avô, Antenor José, no seu triste fim de vida.
-